

A tentação da santidade

“Sob o Sol de Satã”, clássico do francês Georges Bernanos, iguala o narcisismo religioso aos pecados da carne

Divulgação



Cena do filme
“Sob o Sol de Satã”,
de Maurice Pialat

conexões

LIVRO

DIÁRIO DE UM PÁROCO DE ALDEIA ★★★★★

Um religioso acometido de câncer e em litígio com sua comunidade remói suas dúvidas e seus gozos místicos.

AUTOR: Georges Bernanos
TRADUÇÃO: Thereza Christina Stummer
EDITORA: Paulus
(2000, 288 págs., R\$ 34)

FILME

SOB O SOL DE SATÃ ★★★★★

Sandrine Bonnaire, Gérard Dépardieu e o próprio diretor (como o padre Menou-Segrais) dão rosto às aflições das personagens de Bernanos.

DIRETOR: Maurice Pialat
DISTRIBUIDORA: Alvorada (1987, VHS, locação)

LIVRO

SOB O SOL DE SATÃ ★★★★★

AUTOR: Georges Bernanos
TRADUÇÃO: Jorge de Lima
EDITORA: É Realizações
(320 págs., R\$ 53)

Autor de “Sob o Sol de Satã”, romance cuja tradução pelo poeta Jorge de Lima acaba de ser relançada, Georges Bernanos (1888-1948) foi um dos “escritores católicos” da moderna literatura francesa, ao lado de Charles Péguy, Maurice Barrès, Paul Claudel e François Mauriac. A designação é imprecisa e carrega conotações mais éticas do que estéticas para uma nostalgia dos valores tradicionais da “França profunda”.

Monarquista, casado com uma descendente de Joana d’Arc (até hoje musa da direita francesa), Bernanos foi um crítico do “desenraizamento” (expressão de Barrès) trazido pela República e pela modernidade. Chegou a flertar com o antissemitismo, para em seguida condenar o acordo entre França e Alemanha nazista às vésperas

da Segunda Guerra, refugiando-se no Brasil, onde conheceu os também católicos Jorge de Lima, Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção.

Esse breve perfil serve para nuançar as posições ideológicas (conservadoras, porém antitotalitárias) de Bernanos, mas também para dissociar os conservadorismos político e literário.

Pois, se “Sob o Sol de Satã” começa como um drama de costumes provinciano (a história de Mouchette, que mata o amante para encobrir a vergonha de uma gravidez proibida), logo deságua na experiência mística do padre Donissan, núcleo temático de um romance feito de quadros descontínuos.

Descrito como um “mediocre metafísico”, Donissan se flagela para exibir sua vocação. Durante viagem por

uma estrada da região de Pas-de-Calais, encontra um tratador de cavalos que crê ser o Diabo e, na sequência, a jovem ultrajada, que fugira de um asilo e se suicida em êxtase confessional.

A força do romance consiste em contrapor a “tentação do desespero”, a tentativa narcísica de obter a graça através dos próprios atos, à graça concedida nos momentos de paroxismo, em que nossa “mortalha de carne” encontra a “presença real” do fogo divino, que “funde o gelo dos conceitos” e castiga a soberba teológica.

Convencido de sua santidade, Donissan fracassa ao tentar ressuscitar uma criança e termina seus dias atormentado pelo pecado que fez o católico Bernanos se unir a Satã para punir sua personagem: o narcisismo religioso.